

# O COMMERCIO DE GUIMARÃES

BI-SEMANARIO MONARCHICO

Director

EDITOR—EDUARDO DE A. MACHADO  
 PROPRIETARIA—NARCISA DE J. F. MACHADO  
 PUBLICAÇÃO—A'S TERÇAS E SABBADOS

ANTONIO JOAQUIM D'AZEVEDO MACHADO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E  
 IMPRESSÃO  
 RUA DE D. JOÃO I—59 E 61

## CORONEL JOÃO D'ALMEIDA, DEMBOS

Acabamos de receber o novo livro de João d'Almeida intitulado *Visão do Crente*. Teve o valentissimo militar, honra e gloria do nosso Paiz, actualmente commandante de cavalleria 7, a gentileza de nos-o offerecer com amavel dedicatória.

O novo livro, que acaba de ser posto à venda, e que tão justa sensação tem causado, retrata admiravelmente a grande alma que encerra o pequeno corpo do gloriosissimo heroe dos Dembos.

João d'Almeida, no seu bello livro, não affirma apenas o seu muito talento, a sua invulgar intelligencia. Dá-nos tambem sobejas provas de quanto é nobre e formosissimo o seu Character e grande, extraordinariamente creença, do desanimo, —absolutamente confia no resurgimento das energias da nossa Raça. Elle o diz quasi de entrada: —*As qualidades tão salientes outr'ora da nossa Raça não morreram; estão apenas a lormecidas. Esse sangue famoso de nossos Avós palpita ainda nos valles e encostas das serras, e nas terras chãs das nossas provincias; olha ainda o mar e a natureza com o mesmo enternecimento. Haja apenas quem faça vibrar a alma Nacional e Portugal reviverá, brilhando com os actos fortes e generosos de seus filhos.*

O «Commercio de Guimarães» agradece ao heroico militar, ornamento gloriosissimo do Exercito Portuguez, a gentileza da sua offerta.

E pede-lhe licença para aqui archivar o VIII capitulo do seu bello livro—, capitulo que se intitula *Portugal perante a sua crise interna*.

... E que o echo da voz do bravo Coronel João d'Almeida seja, imitando o poeta,

*o signal de resurgir!*

«A Patria Portugueza está atravessando uma aguda e grave crise interna, talvez a mais tormentosa e decisiva de todas as que tem affligido Portugal na sua compleição forte, durante os seus longos seculos de existencia. **É este momento tão decisivo que, ou vemos derruir a herança sagrada dos nossos maiores, estacelar-se a nacionalidade que temos de manter integra e immaculada, ou lhe applicamos os mais efficazes e energicos instantes meios therapeuticos, os remedios mais proveitosos e violentos para a salvar, se não queremos ser ao mesmo tempo algoz e testemunha, na convulsão que ameaça subvertel-a, arrastando-nos no abysmo e sepultando-nos conjunctamente nas suas ruinas.** Esta hora, cheia de perigos e incertezas pelas duvidas e difficuldades do dia de amanhã, é em verdade uma das mais criticas e angustiosas para o nosso prestigio e dignidade collectiva, e até fundamental para a propria independencia, porque esta crise que a devora attinge todas as classes sociais, corrompendo-as e degradando-as, gangrenando todo o complexo organismo que da patria, no se de costal, representativo e expressão da nacionalidade.

Não ha uma excepção, não ha uma restricção que possa servir de base ou ser tomada como apoio dos que porventura ainda tenham creença e esperança n'uma reacção vivificadora e que voluntaria e desinteressadamente, n'uma arranca de energia e tenacidade, queriam lutar contra a insensatez e perversidade dos homens, mais do que contra a adversidade do destino. Estado morbido e de demencia, cuja existencia ninguém se etreve a negar, nem mesmo os que na áncia das paixões movadoras das ideias extranhas, denegando as nossas, obstinadamente nos conduziram à triste situação presente e na qual a peor de todas, nas suas componentes, é a social, como consequencia da crise politica, e n'esta, a de character, que avassalla todas as classes sociais, abastardando a dignidade pessoal, corrompendo as conveniencias, mais se sahendo ainda n'aquellae onde o culto da honra, do hrio, do dever e da disciplina, devia ser um dogma e um symbolo, o norte das suas acções. Porque o mal de que estamos enfermando é devido apenas à acção nefasta dos homens que, apresentando-se às massas populares como apóstolos illuminados das theorias utopistas, falsearam systematicamente as liberdades, perturbaram os espiritos, corromperam os corações, despertaram cubicas, excitaram odios, creando uma atmosfera de embriaguez em que os principios mais naturaes e logicos acabam por ser obliterados.

**Mas poderá ainda haver illusões, não serão já bem evidentes as scenas da dissolução social que se vêem desenrolando no nosso meio, não serão ellas ao menos capazes de despertar a indignação mais venemente no coração do povo? Não será já possível, não serão bastante os desvarios para fazerem despertar e reagir os homens de recio character e de vontade firme, os homens bons? Porque os egoistas, os ambiciosos e os tibios, jamais darão um passo que possa perturbar lhes um sonho, comprometter-lhes a tranquillidade de uma hora, o sacrificio de um ceutil, para tentarem um esforço em prol da obra sagrada da salvação da Patria.**

O delirio e a inconsciencia politica, servida por uma demagogia estulta e devassa, tudo inverteu, tudo derruiu e perverteu. Os detentores do poder, tomando o regimem pela Patria, não vendo mais do que aquelle nos seus interesses e na sua missão, que fazem prevalecer no bem estar da collectividade e ao proprio futuro da nacionalidade, lançaram-se no estreito e faccioso partidarismo, sem grandeza, nem ideias de nobreza e de altruismo, perseguindo, violentando, esmagando, mais do que aquelles que não perfiltam a sua maneira de pensar, quem os não applauda nas suas tyrantias. Importando-se pouco com os outros, tudo antepõem, tudo sacrificam para fazerem triumphar o seu ideal, a sua vontade omnipotente. Para elles e os seus sequizes, não ha direitos nem regalias para os cidadãos, senão os que elles lhes queiram outorgar, não ha respeito pela lei nem pela tradicção, nem direitos adquiridos à sombra d'ella e do honesto trabalho, não ha liberdade politica nem de consciencia que não seja a que elles imponha, não ha ordem, não ha bem estar, não ha harmonia, não ha respeito mutuo nem dignidade; ha o seu regimem a defender, o seu partido a impôr, quer a nação queira ou não, ha o seu credo, gerado nas confabulações com os proprios inimigos da patria, os compromissos tomados com elles, ha a sua vaidade sequiosa do poder e do mando, consubstanciado tudo nos seus interesses pessoais e nos da seita que os arragimenta. Por outro lado, a campanha dissolvente dos agitadores de profissão, bem ou mal intencionados, quantas vezes accionados por interesses alheios e inconsciosos, despedaçou todos os laços quebrando a hierarchia social, inverteu as leis fundamentais do direito e da economia, cahindo no cahos, na confusão e na desordem. Gastaram e esterilizarão todos os mananciaes da vida productora, economica e administrativa.

Com palavras sonoras mas vazias de sentido, exprimindo formulas mentirosas, embusteiros arruinarão a nacionalidade, e a liberdade que todos usufruamos, succedeu a licença como a esta se está succedendo a anarchia, que mais affrontosa e oppressiva vai preparando a situação futura.

Assim, enquanto uns fomentam a desordem, outros defendem e sustentam o proprio estado revolucionario, como o mais lucrativo e proprio para alcançar os pingues logares da administração publica, sem outra preparação que a dos crimes em que se cevam e a outros fazem proclamar a sua benemerencia e a heroicidade d'aquelles que os praticam. Que importa a esses bandos da desordem, a essas quadrilhas organizadas por um fim egoista, que se substituem ao proprio governo ou a quem as suas auctoridades obedecem cegamente, o passado da nação no que ella tem de mais nobre e evocador, na base e estímulo a vida futura da collectividade? A' ideia da Patria pospõem elles a da humanidade, à da nacionalidade com fronteiras a da federação social, ... para os nossos a peninsular.

E para isso as vãs theorias, dos tempos da propaganda dissolvente e demolidora, as promessas inconscientes enganosas, hoje esquecidas, e sem jamais as procurarem cumprir, como bons vilões, tudo renegam; e agora escaido o poder, só o egoismo e sempre o egoismo a predominar, e a lembrança de que chegados ao campo das realidades, de que o mando se lhes não eternizará nas mãos, é preciso comer—é bem a hora da tanta refeição—e comer, enquanto durar o festim.

E, em verdade, as realidades são bem outras: o deficit a triplicar, as produções agricolas, a fonte da nossa maior riqueza, e as utilidades diminuindo assustadoramente, n'uma forma, cada vez mais inferior, no aproveitamento, sem o menor auxilio, ou quem lhe outorgue as indispensaveis medidas de fomento, a derruir o pouco que tinhamos de bom, ninguém cuidando das estradas, dos caminhos de ferro, das pontes, dos desassoreamentos, dos canaes de irrigação, do aproveitamento das energias naturaes, especialmente hydraulicas, das escolas, de incitamentos à producção e ao progresso, affectando os transportes, estiolando as industrias e afrouxando, consequentemente, o commercio, o que arrastará forçosamente a maior das crises—a economica—que bem mais terrivel que a social, já ninguém será capaz de solver. Porque d'ella, passará então a depender todas as outras crises. de que hoje enfermamos, e o momentoso e complexo problema nacional, alcançará a crise economica, a social, a politica, a da ordem, e acabará de vez com a segurança, a tranquillidade e o trabalho ordenado e proficuo.

Portugal perdeu-se no seu glorioso caminho no dia em que o seu

povo, esquecido de si proprio, da paz interna e da harmonia em que vivia, se lançou na inconsciencia politica, como a redemptora dos males sociais, tão relativos e tão inherentes à natureza e à propria condição da humanidade. Desconhecendo das suas liberdades e das regalias que usufruia, olvidando que na terra patria jamais houvera escravos nem tyranos antes prevaleceram sempre aquelles egualdades adquiridas na commum aspiração de grandeza e felicidade, derivadas do mesmo voluntario sacrificio e traduzidas na brandura e suavidade dos costumes, trouxeram servilismo pela sociedade que quizeram impingir, como remedio salutar para os seus males, e a esperarem tudo das formulas politicas que lhes havia de dar a propria felicidade, advinda sem esforços nem sacrificios.

Aquelles que procuravam n'uma mudança de regimem a regeneração do paiz, impoendo uma nova formula politica por meio d'uma revolução, enganaram-se a si proprios e aos seus concidadãos, cahindo no logro que os especuladores lhes armaram, esquecendo-se que a Monarchia era a instituição indissolvelmente ligada a nacionalidade que lhe deu origem, feiza a sua imagem e semelhança, que com ella tem evoluçionado, e da qual se não pôde separar sem a fazer peecer. Esqueceram-se que não é com o simples convencimento que basta affirmar um ideal, para salvar um paiz, para regenerar a humanidade e que não se muda tão facil e impunemente a orientação da vida de um povo, as suas formulas fundamentais e organicas, n'uma cabriola macabra, dando largas aos excessos das mais estupidas ambições politicas, saltando por cima dos direitos seculares, sem preparação nem transição pretendendo implantar as theorias do louco utopismo, sem realidade pratica, filhas apenas das concepções doentias, cortando cerce um passado a que estamos indissolvelmente ligados, onde se enraiza o futuro, para começar uma vida propria, como quem cabe da lua n'um planeta deshabitado.

Por outro lado, esquecem-se tambem que um regimem só é estavel, quando é a natural consequencia do estado de um povo, definido em harmonia com as suas tradicções, com os seus habitos e tendencias, com o seu estado de desenvolvimeto e com os fins collectivos da nacionalidade; isto é os povos têm as suas instituições caracteristicas, livremente aceites pela vontade collectiva e não fundadas no direito das revoluções. Porque os direitos das revoluções não passam em si de um attentado à legalidade e à justiça da propria liberdade, e assentando na iniquidade da força e da violencia, ou da traição, o regimem e as regalias que ellas estabelecerem, pessoais e impostas como são, serão sempre



a ausencia da liberdade e da vontade, a origem de novas violencias e maiores tyrannias, como consequentes reacções. Todos os regimens são bons e uteis, uma vez que sejam adaptados ao povo que devem reger, em harmonia com a sua moral collectiva e, mais ainda, com a educação dos seus homens, porque os seus fructos dependem unicamente da competencia e das qualidades dos homens que os servirem do meio social que constituiram e em que viverem.

A salvação de Portugal está pois precisamente na solução da crise politica que o devora e ameaça sorver; o seu futuro, a propria vida perante as demais nações, está precisamente n'uma nova orientação politica, ou melhor, no alinhamento completo da politica estruturante de partidos e facções, reintegrando-se nas suas instituições tradicionais, que sejam a expressa vontade e da maioria da nação, e que não é possível impedir a vontade de todos. Estabeleça-se o verdadeiro governo nacional, dê-se a administração a quem de direito fôr conferida, pela expressão da vontade collectiva, e tenha cada um a honrabilidade e a dignidade de abdicar da propria vontade, para se conformar e submeter á resolução da maioria.

E para que não possa haver duvidas nem mystificações sobre essa vontade, faça-se a livre consulta ao paiz, sobre a formula inicial do regimen que pretende, imponha-se o plebiscito, force-se a vontade do proprio governo, se elle se recusar a fazê-lo, fazendo o brotar espontaneamente do concurso e da vontade nacional. Essa deve ser a acção inicial e fundamental dos partidos da ordem e da legalidade dos partidos monarchicos, já que aos republicanos não convém semelhante processo, por de antemão saberem que serão uma infima minoria da collectividade.

O plebiscito é hoje a formula mais pratica pela qual os paizes civilizados e cultos exprimem a sua vontade collectiva, sempre que tenham de ser consultados fóra de toda a pressão e violencia. Pois demos nós tambem esse exemplo de progresso e boa harmonia, de acatamento á vontade livremente expandida da nação.

E fixada a formula fundamental com que o paiz queira viver, repostas as cousas e as pessoas nas posições que os seus legitimos direitos lhe conferem, cada um consoante as qualidades e as aptidões, em harmonia com as suas forças e os mais puros interesses nacionaes, a administração decorrerá normalmente, e com ella virá a ordem, a tranquillidade, a harmonia, o respeito matuo e o trabalho proficuo e compensador.

Afastada d'esta forma a crise politica, ataque-se resolutamente o problema social, e a questão economica, o desenvolvimento, a transformação e o progresso encontrarão uma perfeita solução.

E para evitar a repetição d'estas perturbações collectivas, para que o espirito nacional não se torne a transviar na violencia das paixões politicas, tão nefastas e improprias do nosso temperamento impressionista e irreflectido, façam-se reviver os perdidos objectivos nacionaes, reatem-se os fins historicos, da nossa tradição, o nacionalismo, onde se prendam as atenções e os interesses de todos, e na satisfação successiva d'elles, todos vejam a sua grandeza e bem estar futuro, como integrante da felicidade, do prestigio e da grandeza collectiva, do Portugal Maior.

E tenhamos fé, recobremos o animo e tenhamos presente á memoria, que quando a uma nação, embora pequena, não lhe falta a

vontade de honras a herança legada por seus maiores e a de proseguir nos fins da raça, embora cahida no abatimento e na miseria, desde que no passado encontra as bases do seu futuro e o estímulo para maiores feitos e grandezas, vencerá com honra e subsistirá sempre altiva.

## EX-TENENTE SATURIO PIRES

### “OS CAÇADORES NO EXERCITO DE D. MIGUEL”



Cabe hoje a vez de agradecermos a Saturio Pires, nosso muito querido amigo e antigo e distinctissimo official do Exército, o seu livro *Os caçadores no exercito de D. Miguel*.

Posto que *Os caçadores no exercito de D. Miguel* mais interessam aos que se dedicam ao militarismo, pois só d'assumptos d'essa especialidade tratam, não foi sem curiosidade que folheamos, uma a uma, as 297 paginas da trabalhosa obra d'aquelle antigo e valente militar, hoje chefe da redacção do nosso presadissimo collega «O Liberal». Tinhamos a convicção de que a obra de Saturio Pires havia de corresponder aos seus grandes e elevados meritos. E não nos enganamos: assim, se

tudo o militar deve ler o livro *Os caçadores no exercito de D. Miguel*, porque elle é uma obra tactica evocativa, nenhum portuguez pode igualmente ignorar-o. A semelhança da epocha em que os factos alli narrados se passaram com aquella em que vivemos, tem, por vezes, parallelos bem singulares.

*Os caçadores no exercito de D. Miguel* são illustrados com os retratos de D. Miguel e dos generaes e outras personalidades importantes d'aquelle epocha, além de bastantes esboços geographicos e croquis representando os campos de batalha, concorrendo assim para a maior elucidacção da narrativa a que o auctor soube imprimir o colorido e a acção proprios d'esta indole de trabalhos.

N'uma palavra: o livro do nosso presadissimo amigo,—que foi um dos mais intrepidos companheiros de Paiva Couceiro nos trabalhos da Galliza, e é, pelo seu character peregrino e pela sua intelligencia brilhante uma das figuras mais sympathicas e valiosas da Causa Monarchica—, representa o trabalho insano d'um infatigavel investigador e veio preencher uma lacuna importante na litteratura historico-militar portugueza, por isso que são raros os livros que descrevem conscienciosamente, com espirito recto, imparcial, os acontecimentos militares a que deu lugar a guerra entre D. Pedro IV e D. Miguel.

A Saturio Pires, as nossas calorosas felicitações pelo exito brilhante da sua obra e os protestos do nosso melhor reconhecimento pela offerta do exemplar com que nos honrou.

## A PAZ!

Saúdações das minorias monarchicas a EL-REI D. MANUEL

Em cumprimento da deliberação tomada na ultima reunião das minorias monarchicas, sob proposta do sr. dr. Costa Lobo, que a assembleia approvou por aclamação, o sr. conselheiro Agres d'Ornelas expediu a Sua Magestade El-Rei o seguinte telegrama:

«Na occasião em que a declaração do armistício vem confirmar a victoria alliada, os deputados e senadores da minoria monarchica vem congratular-se com a victoria gloriosa da nossa antiga alliada, ao lado da qual Vossa Magestade pôz, desde o principio, a sua elevada influencia e acção politica, como chefe da Causa Monarchica.»

## 200 reis em kilo ?

A Camara Municipal, attendendo uma reclamação dos negociantes de carnes verdes, referendou um aumento de preço, a bagatela de 200 reis!

Isto, de mais a mais quando uma terrivel epidemia traz ameaçadas as populações, e a carne de vacca tem, portanto, de se empregar como alimento indispensavel que é, não se tolera!

...E tantas vezes se baratou da Camara democratica!

## AO PUBLICO

Antonio Augusto Pinto da Cunha, com garage no largo do tribunal, comunica que em vista de haver já alguma gazolina no mercado, embora cara, resolveu fazer o preço de 300 reis cada kilometro.

## ANILINAS

Diretas, basicas, acidas, preto sulfuroso, soda solway, sulfureto de sodio, vendem:

Manoel Ferreira & Comp.<sup>a</sup>

Rua de Camões, 79—PORTO

## MERCEARIA

Bem afreguesada, e em boas condições passa-se pelo fallecimento do seu proprietario.

Quem pretender dirija-se á Viuva de Francisco de Castro Guimarães, Rua de Payo Galvão.

## ARREMATACÃO

(2.ª Publicação)

No dia 24 do corrente, ás 11 horas, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, são postos em praça, para serem entregues a quem mais offerecer acima dos preços abaixo indicados os seguintes bens de raiz:

A propriedade denominada do Alvite, situada na freguezia de S. Thomé de Caldelas, d'esta comarca, que se compõe de casas sobradadas, terras e telhadas, côrtes e um coberto colmaço, tendo junto uma eira ladrilhada e terra e terras d'horta com arvores de vinho e fructa, tudo junto e unido, de natureza censitica com a pensão annual de 4\$40 ao possuidor do casal da Taipa, da referida freguezia, vai á praça por 292\$00;—A bouça do Pedraido, situada na mesma freguezia, terra lavradia com arvores de vinho e um bocaco de terreno de mato com pinheiros, tudo circulado por paredes e um socaleco; vai á praça por 125\$00;—o campo do Meloeiro, sito no lugar da Ribeira, freguezia de S. Martinho de Sande, d'esta comarca, de terra lavradia com arvores de vinho, de natureza censuaria, ao possuidor do casal de Tario de baixo, a quem se paga o censo annual de 14\$562 de meado, - a sorte das Uvevinhas, de mato,

no monte do Outinho, da dita freguezia; vão á praça por 658\$00;—O campo da Senra, no mesmo lugar e freguezia, com arvores de vinho e fructa; vai á praça por 550\$00;—A leira da Varzea, lavradia com arvores de vinho, no dito lugar e freguezia, vai á praça por 225\$00;—A sorte de mato dos Verdinhos, na dita freguezia; vai á praça por 90\$00;—A sorte de mato da Fonte Redonda, na mesma freguezia e que vai á praça por 40\$00 e a sorte de mato do Coto d'Outinho, na dita freguezia e que vai á praça por 100\$00.

Procede-se a esta arrematação por deliberação dos interessados e do conselho de familia no inventario a que se procedeu por fallecimento de João Gonçalves, tambem conhecido por João Gonçalves Marques, morador que foi no lugar do Alvite, da dita freguezia de Caldelas.

Declara-se que toda a contribuição de registo por titulo oneroso fica a cargo do arrematante ou arrematantes.

Ficam citados quaisquer credores incertos e o ausente credor inscripto Domingos Gonçalves, para assistirem á praça e deduzirem, querendo os seus direitos.

Guimarães, 2 de Novembro de 1918.

Verifiquei Santos

O escrivão do 1.º officio Armando da Costa Nogueira.

R. M. S. P.

## MALA REAL INGLEZA



Sahidas quinzenaes de paquetes correios de LISBOA para os PORTOS DO BRAZIL e RIO DA PRATA

Preço das passagens em 3.ª classe LISBOA para o BRAZIL e RIO DA PRATA:

Pelos paquetes da serie "A" com escala por S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres. Esc. 68.50

Pelos paquetes da serie "D" directos ao Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres. Esc. 63.50

Todos os Vapores d'esta Companhia costumam atracar ao Caes no Rio de Janeiro.

PAQUETES NA CIRCULO

Na agencia do Porto podem os srs. passageiros de 1.ª classe recolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, mas para isso recommendamos toda a antecipação.

Distinguidos unicos Agentes no Norte de Portugal:

Tait & C.

49, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE—PORTO.

Os seus correspondentes nas provincias.

seu correspondente em Guimarães Luiz José Gonçalves Basti.